



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz Ata do Copom, dados de inflação e atividade. No setor bancário, saem últimos balanços do 3T25 e Relatório de Estabilidade Financeira.

- Após manter novamente a taxa Selic em 15% a.a., o Banco Central divulga nesta terça (11) a Ata da reunião do Copom.** O comunicado pós-reunião trouxe poucas alterações, embora tenha reconhecido alguma melhora no cenário inflacionário. Será importante observar se o Comitê fará algum ajuste em seu comunicado, já que este foi considerado conservador pela maioria do mercado, fato que levou os agentes a praticamente descartarem a possibilidade de início do ciclo de corte de juros ainda neste ano.
- O índice de inflação IPCA deve seguir em desaceleração em outubro, voltando a ficar abaixo de 5%.** O IBGE divulga o indicador na terça (11) com o consenso do mercado projetando uma alta mensal de 0,15%, abaixo do observado em setembro (+0,48%), em função da queda do preço da energia elétrica. Os preços dos alimentos devem ficar próximos à estabilidade, após quatro meses de deflação, também contribuindo para o baixo índice esperado para o mês. No acumulado em 12 meses, o IPCA deve desacelerar de 5,17% para 4,74%, com possibilidade crescente de o índice fechar o ano no teto da meta (4,5%).
- Na semana, também serão conhecidos os números finais do 3T25 do varejo e dos serviços, que devem reforçar os sinais de acomodação da atividade.** O resultado dos serviços será divulgado na quarta (12), com expectativa de alta de 0,4% em setembro, mantendo o setor em expansão no trimestre, ainda que de forma mais contida do que no trimestre anterior. Já o resultado das vendas no varejo sai na quinta (13) e deve mostrar uma ligeira alta no mês, de 0,1% (conceito ampliado), fechando o trimestre com um resultado mais fraco, embora ainda positivo, sugerindo algum enfraquecimento do consumo das famílias no período.
- No setor bancário, a semana encerra a rodada de divulgação dos balanços das instituições de capital aberto referentes ao 3º trimestre de 2025, com números do BTG e BB.** O BTG Pactual publica seu balanço amanhã (11), com expectativa de um lucro líquido de R\$ 4,0 bi no trimestre, que equivale a uma ligeira queda de 4,1% no trimestre, mas uma forte alta na comparação anual (+30,7%). Já o Banco do Brasil divulga seu resultado na quarta (12) e deve apresentar um lucro de R\$ 3,5 bi no período, ainda recuando nas comparações trimestral (-6,2%) e anual (-62,7%) em função do aumento da inadimplência e dos pedidos de RJ no setor agropecuário. Além destes, o banco Pan, Pine, Inter, Nubank, BMG e Bannisul também divulgam seus resultados na semana.
- Ainda referente ao setor bancário, o BC divulga na quarta (12) o Relatório de Estabilidade Financeira (REF) referente ao 1º semestre deste ano.** Publicado semestralmente, o documento traz um diagnóstico das condições de estabilidade do SFN, com foco nas métricas de rentabilidade, liquidez e solvência. Com a implementação da Resolução 4.966/2021 no início deste ano, o REF deve trazer um panorama detalhado do impacto da medida sobre o setor, especialmente em termos de provisões e rentabilidade.
- No cenário internacional a agenda será bem enxuta, em função do *shutdown* nos EUA que já dura mais de um mês, se tornando o mais longo da história.** A paralisação do governo federal por falta de acordo sobre o orçamento entre Republicanos e Democratas segue impactando as divulgações dos principais indicadores econômicos nos EUA. De toda forma, na noite de ontem, o Senado dos EUA aprovou uma medida processual para votar o Orçamento federal, com apoio de alguns senadores democratas. Embora ainda faltem etapas importantes para o fim do *shutdown*, a votação foi um passo importante neste sentido, que pode ter uma conclusão ainda nesta semana.
- Com isso, as atenções se voltam para os indicadores de atividade da China, que devem apontar perda adicional de dinamismo no início do 4º trimestre.** A expectativa é de alta de 5,5% da produção industrial em outubro ante o mesmo mês do ano anterior, desacelerando ante o dado de setembro (+6,5%), enquanto as vendas no varejo devem crescer 2,8% no mesmo comparativo, também inferior ao dado do mês anterior (+3,0%). Os dados serão divulgados na quinta (13) à noite. Portanto, da mesma forma que os números do setor externo conhecidos na última semana, os números da indústria e do varejo devem mostrar que a atividade segue em arrefecimento no país neste fim de ano, refletindo, entre outros, as tensões comerciais com os EUA.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
11/nov	BCB: Ata da última reunião do Copom	05/nov	-	-
11/nov	IBGE: IPCA	Out/25	0,15% m/m 4,74% a/a	0,48% m/m 5,17% a/a
12/nov	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Set/25	0,4% m/m 3,7% a/a	0,1% m/m 2,5% a/a
12/nov	BCB: Relatório de Estabilidade Financeira (REF)	1º semestre/25	-	-
13/nov	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Set/25	0,1% m/m 1,0% a/a	0,9% m/m -2,1% a/a
13/nov	BCB: Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC)	3º tri/25	-	-
14/nov	FGV: IGP-10	Nov/25	0,19% m/m 0,34% a/a	0,08% m/m 1,60% a/a

Fonte: Bloomberg.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 3T25

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 3T25 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Pan	11/nov	221,8	30,9%	13,2%
BTG Pactual	11/nov	4.009,7	-4,1%	30,7%
Pine	12/nov	-	-	-
Banco do Brasil	12/nov	3.548,7	-6,2%	-62,7%
Inter	13/nov	358,2	7,8%	37,8%
Nubank	13/nov	-	-	-
BMG	13/nov	132,0	5,6%	13,8%
Banrisul	14/nov	287,0	-24,0%	45,5%
XP	17/nov	1.315,4	-0,5%	10,9%

Fonte: Áreas de RI dos bancos e Bloomberg

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
13/nov	Zona do Euro	Produção Industrial	Set/25	0,8% m/m	-1,2% m/m
13/nov	China	Produção Industrial	Out/25	5,5% a/a	6,5% a/a
13/nov	China	Vendas no varejo	Out/25	2,8% a/a	3,0% a/a
14/nov	Zona do Euro	PIB	3º tri/25 – 2ª leitura	0,2% t/t-1	0,1% t/t-1

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Copom mantém taxa Selic em 15,0% aa, em comunicado com poucas alterações

Como esperado, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central manteve a taxa Selic estável, pela terceira reunião consecutiva, em 15,0% a.a., na decisão da última quarta-feira (5). O comunicado trouxe ajustes sutis em relação ao da reunião anterior, mantendo postura cautelosa quanto ao cenário e, conseqüentemente, reduzindo a possibilidade de redução dos juros no curto prazo.

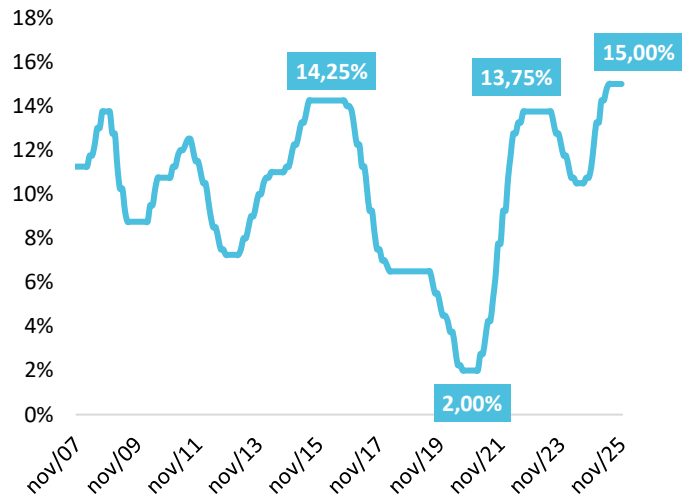
Na avaliação da conjuntura, o Copom apontou que o cenário internacional segue incerto em função da política econômica dos EUA, o que exige cautela por parte dos países emergentes. No cenário doméstico, apontou que os indicadores seguem apresentando, como esperado, trajetória de moderação do crescimento econômico, embora o mercado de trabalho ainda mostre dinamismo. Em relação à inflação, o Comitê reconheceu uma melhora recente, afirmando que “a inflação cheia e as medidas subjacentes apresentaram algum arrefecimento, mas mantiveram-se acima da meta para a inflação.”

Neste contexto, as projeções de inflação do BCB mostraram ligeiro recuo. Para este ano, a projeção caiu de 4,8% para 4,6%, enquanto para 2026 seguiu em 3,6%. Já para o 2º trimestre de 2027, atual horizonte relevante da política monetária (6 trimestres à frente), a projeção recuou de 3,4% para 3,3%, mas ainda acima da meta de inflação, de 3%.

De toda forma, o comunicado manteve o balanço de riscos inalterado, apontando que os riscos de alta e baixa para a inflação seguem mais elevados do que o usual, além de manter a conclusão de que “o cenário segue sendo marcado por expectativas desancoradas, projeções de inflação elevadas, resiliência na atividade econômica e pressões no mercado de trabalho. Para assegurar a convergência da inflação à meta em ambiente de expectativas desancoradas, exige-se uma política monetária em patamar significativamente contracionista por período bastante prolongado.”

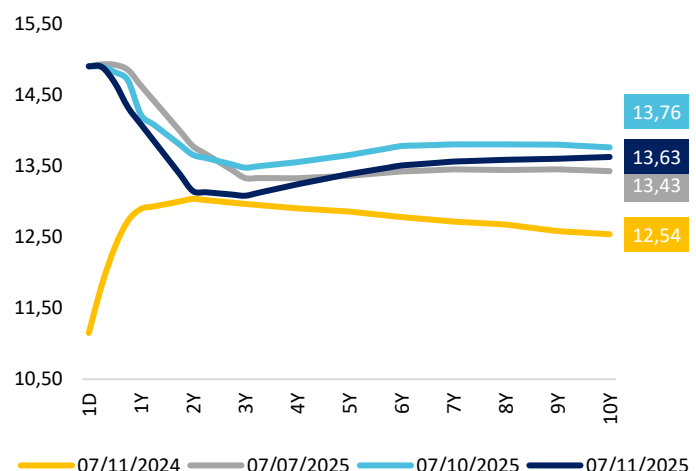
Portanto, o Copom fez ajustes apenas pontuais no comunicado, aparentemente para evitar que os agentes precificassem uma possível queda dos juros já na reunião de dezembro (dias 9 e 10). O cenário mais provável ainda é que o ciclo de queda da taxa Selic comece no primeiro trimestre de 2026, caso a inflação siga em trajetória de acomodação e as projeções do BCB apontem para um número mais próximo ao centro da meta em seu horizonte relevante (no caso, para o 3T27).

Quadro 1: Taxa Selic - % ao ano



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros - % ao ano



Fonte: Bloomberg

Em relação à atividade, o setor industrial voltou a recuar em setembro, em linha com as expectativas, fechando mais um trimestre (o quarto consecutivo) próximo à estabilidade.

A indústria recuou 0,4% em setembro, a quarta queda nos últimos seis meses, após alta de 0,7% em agosto. No mês, três das quatro grandes categorias registraram retração, sendo que a maior queda foi da indústria de bens duráveis (-1,4%), enquanto apenas a indústria de bens de capital apresentou resultado positivo, mas praticamente estável (+0,1%). Entre as atividades, 12 das 25 recuaram, com as principais quedas vindo da indústria extrativa (-1,6%), fabricação de veículos (-3,5%) e de produtos farmacêuticos (-9,7%). Por outro lado, a fabricação de alimentos (+1,9%) avançou pelo terceiro mês seguido.

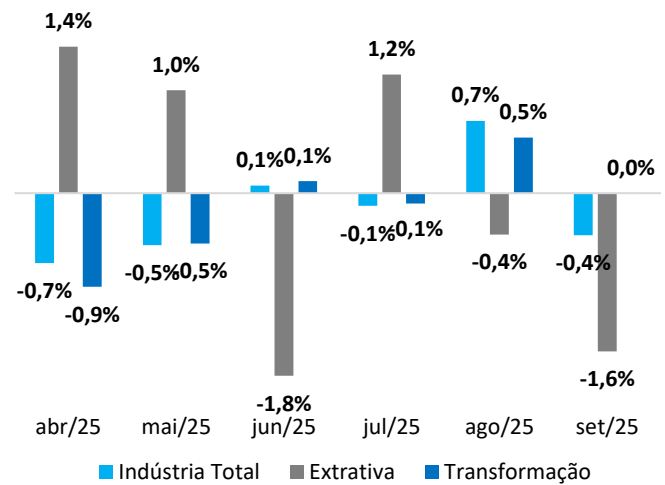
Com isso, a produção industrial cresceu 0,1% no 3º trimestre, quarto trimestre seguido com resultado próximo à estabilidade, reforçando os sinais de estagnação do setor. A transformação avançou 0,2% no período, após dois trimestres de contração, enquanto a extrativa caiu 0,5%, após crescimento acumulado de quase 6,5% no ano.

Portanto, a indústria segue sem dinamismo, afetada pela política monetária contracionista e pelas incertezas do cenário geopolítico internacional. Adicionalmente, o resultado reforça a percepção de que o PIB deve registrar um crescimento bastante modesto no período.

Quanto ao setor externo, a balança comercial fechou o mês de outubro com um superávit de US\$ 7,0 bilhões, bem acima do observado no ano passado (US\$ 4,1 bi) e acima do esperado pelo mercado (US\$ 6,2 bi). O resultado foi o 2º melhor para o mês de outubro desde o início da série histórica (1994), ficando atrás apenas do observado em out/23 (US\$ 9,2 bi).

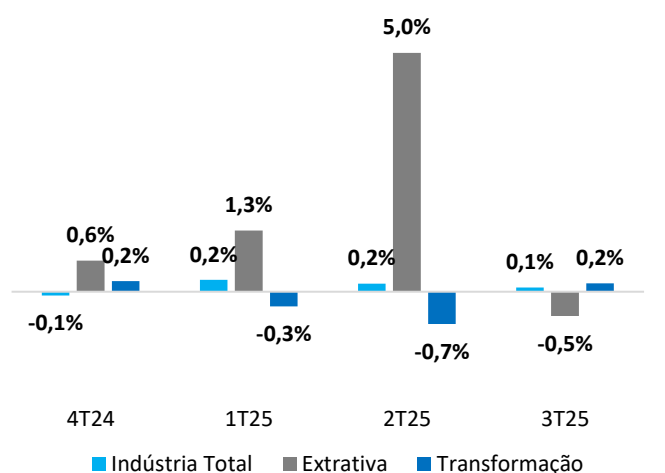
O resultado refletiu o aumento do valor das exportações (+9,1%) no comparativo com out/24, com destaque para os itens agropecuários (+21,0%) e extrativos (+22,0%), com alta expressiva das vendas de soja (+42,8%), carne bovina (+40,9%) e minério de ferro (+29,5%). Dentre os destinos das exportações, o crescimento foi liderado pela China (+33,4%) e para o Mercosul (+14,3%), enquanto o valor exportado para os EUA recuou 37,9%, em função da elevação das tarifas comerciais pelo país. Já as importações ficaram praticamente estáveis ante out/24 (-0,8%), com alta em bens de capital (+10,6%) e bens de consumo (+9,6%), compensadas pelo recuo do valor importado dos bens intermediários (-3,8%) e combustíveis (-11,8%), sinalizando algum arrefecimento das importações em função da desaceleração econômica.

Quadro 3: Produção Industrial Var.% Mensal



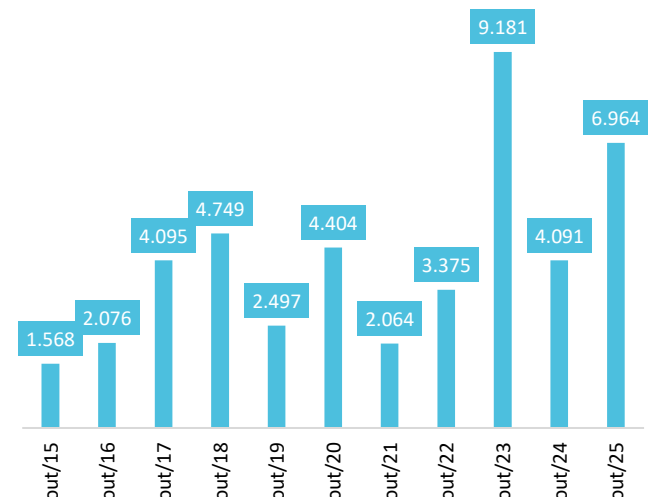
Fonte: IBGE

Quadro 4: Produção Industrial Var.% Trimestral



Fonte: IBGE

Quadro 5: Saldo Comercial nos meses de outubro Em R\$ milhões

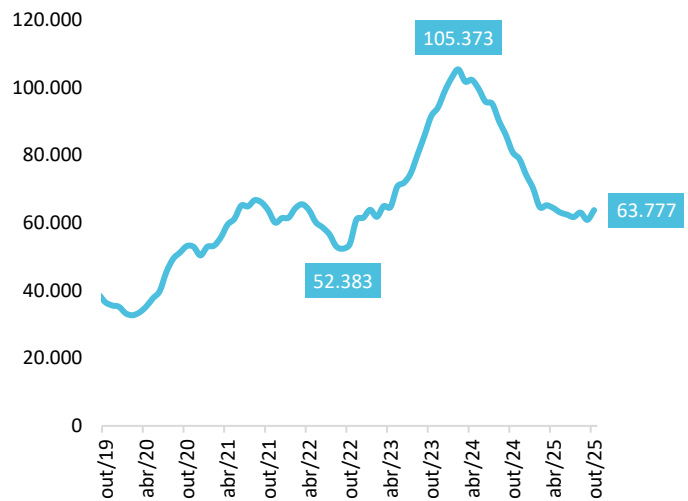


Fonte: Secex/Mdic

No acumulado do ano, a balança atingiu um superávit de US\$ 52,4 bi, queda de 16,6% ante o mesmo período de 2024 (US\$ 62,8 bi). No ano, as importações (+7,1%) seguem com um volume de expansão superior às exportações (+1,9%). Em 12 meses, o superávit atingiu US\$ 63,8 bi e deve encerrar o ano um pouco acima de tal patamar, ainda que abaixo dos valores registrados em 2024 (US\$ 98,9 bi) e 2023 (US\$ 74,2 bi).

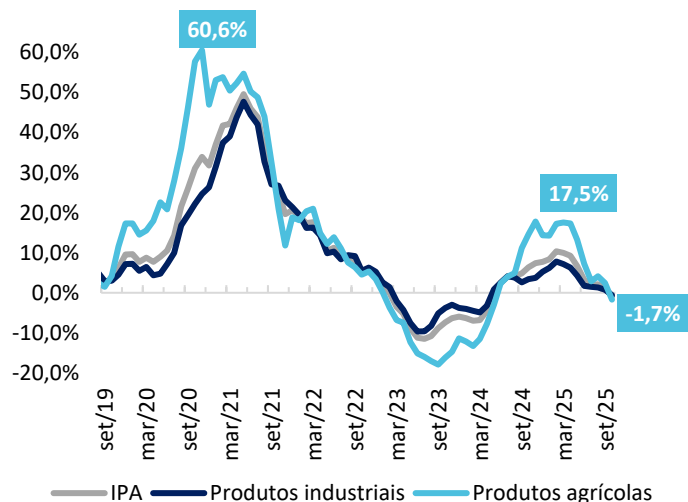
No campo da inflação, o índice IGP-DI registrou deflação de 0,03% em outubro, a quinta nos últimos oito meses. A queda foi puxada pelos preços agropecuários no atacado (IPA-Agro), que recuaram 0,68% no mês, em itens como café, soja, leite e trigo. No acumulado em 12 meses, o grupo IPA-Agro entrou em terreno deflacionário, passando de 2,4% para -1,7%, indicando que os preços dos alimentos devem seguir bem-comportados para os consumidores no curto prazo. Já os itens industriais ficaram praticamente estáveis no mês no atacado (+0,07%) e também entraram em terreno deflacionário no acumulado em 12 meses (-0,6%, ante 0,8%), beneficiados pela apreciação cambial observada neste ano. Em 12 meses, o IGP-DI desacelerou de 2,32% para 0,73%. Portanto, os números do atacado indicam que a inflação ao consumidor deve seguir acomodando neste fim de ano.

Quadro 6: Balança Comercial – Saldo acumulado em 12 meses – Em US\$ mi



Fonte: Secex/Mdic

Quadro 7: IPA-DI – Var.% acumulada em 12 meses



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Ações de tecnologia caem forte na semana com temor sobre “bolha”

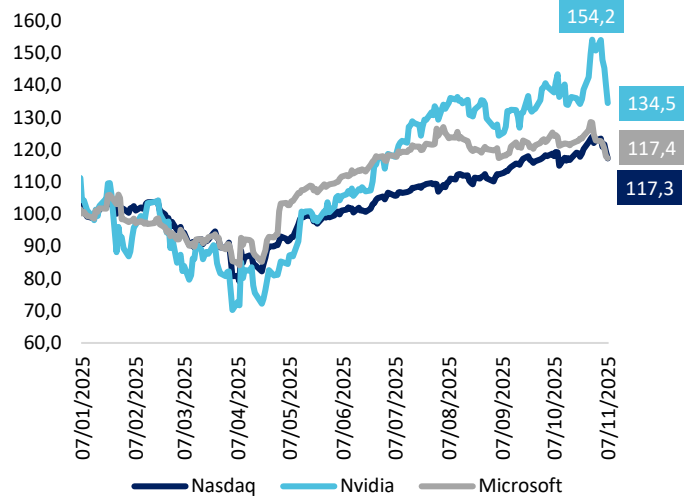
Os principais índices de ações nos EUA registraram queda acentuada na última semana, com os agentes reagindo aos temores de que as avaliações das empresas de tecnologia estejam demasiadamente altas, preocupados com uma eventual “bolha” do setor. Diversos executivos de instituições relevantes de Wall Street (Goldman Sachs, Morgan Stanley e Capital Group) alertaram os investidores sobre uma possível correção no preço dos ativos, entendendo que um eventual ajuste seria “natural” para o mercado. A Nasdaq, bolsa de tecnologia, recuou 3,0% na semana. O movimento recente de baixa é um teste para os mercados, dado o longo *rally* que tem impulsionado as ações relacionadas a IA desde abril deste ano. Outro ponto importante para o mau humor do mercado é a duração excessiva do *shutdown* do governo federal nos EUA. Ao que parece, o nível de incerteza que os investidores têm enfrentado devido à falta de informações sobre a economia norte-americana também tem pesado na confiança dos agentes.

Com relação aos indicadores econômicos, foram divulgadas as leituras finais dos índices PMIs de outubro dos EUA, que mostraram que a atividade no país segue resiliente neste início de 4º trimestre, com o indicador de serviços subindo para 54,8 pts, voltando a se aproximar do maior nível do ano (55,7 pts em jul/25). O PMI da indústria também subiu e chegou a 52,5 pts (ante 52,0 pts).

Na China, os números da balança comercial de outubro decepcionaram, registrando uma desaceleração acentuada do setor externo chinês. As exportações recuaram 1,1% (ante out/24), ante expansão esperada de 3,1%, após um mês de setembro animador (+8,3%). O resultado pode ser reflexo de uma suspensão de diversos embarques devido às recentes negociações entre Donald Trump e Xi Jinping, o que, em tese, significa que seria algo pontual. Assim, importante observar se os números de novembro trarão uma reversão deste quadro. Já as importações subiram 1,0%, abaixo do esperado (+2,7%), indicando uma contínua desaceleração da demanda interna.

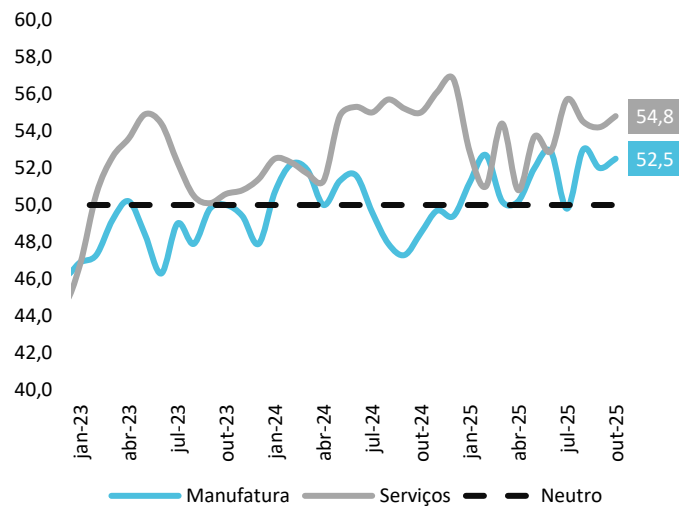
Na Europa, também foram divulgados os números finais dos índices PMIs de outubro, que mostraram alguma melhora da atividade no mês, beneficiada pelo ciclo de queda dos juros na região. O setor de serviços permanece como o mais dinâmico, subindo para 53,0 pts (ante 51,3 pts), enquanto a indústria que segue sem grande ímpeto, embora tenha conseguido retomar o nível neutro (50 pts ante 49,8 pts).

Quadro 8: Índice Nasdaq e Ações de Empresas de Tecnologia - Base 100 (31/12/2024)



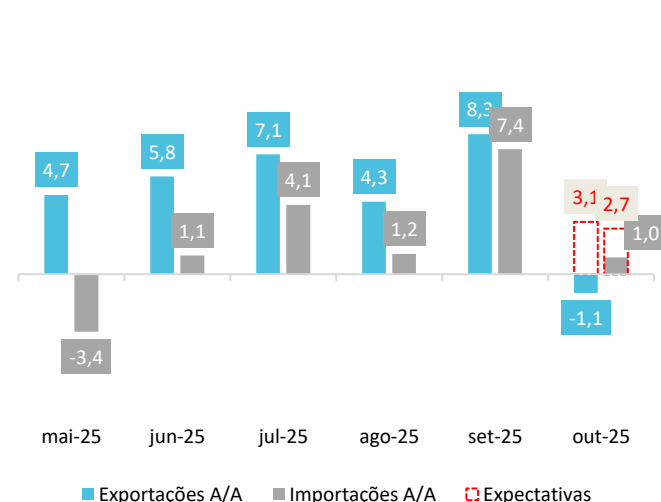
Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: EUA – PMI Manufatura e Serviços Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: China – Exportações e Importações Var. % ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg

Resultado Corporativo 3º Tri/25 Itaú Unibanco

CRÉDITO / BANCOS

O Itaú Unibanco registrou lucro líquido gerencial de R\$ 11,9 bilhões no 3º trimestre de 2025. O resultado veio em linha com o esperado e corresponde a altas de 3,2% no trimestre e de 11,3% na comparação com o 3T24. A rentabilidade patrimonial (ROE) anualizada do banco permaneceu estável em 23,3%, se mantendo no maior nível desde o 4T19 (23,7%). Na operação do Brasil, a rentabilidade da instituição atingiu 24,2%.

Na comparação anual, a melhora do resultado decorreu do avanço da margem financeira (+10,1%), puxada por clientes (+11,0%), assim como do avanço das receitas com serviços e seguros (+7,1%), em função do resultado líquido de seguros, previdência e capitalização (+17,8%).

Na comparação com o 2T25, a margem financeira subiu 0,7%, liderada pela margem com o mercado (+5,2%), que se beneficiou de maiores ganhos com a gestão de ativos e passivos, enquanto a margem com clientes ficou praticamente estável (+0,5%). Já o avanço das receitas de serviços e seguros (+4,0%) refletiu o maior volume de emissão de títulos de renda fixa, que impulsionou as receitas com assessoria e corretagem (+33,7%), além de maiores ganhos com emissão de cartões e transações em adquirência (+2,1%). Do lado das despesas, o custo do crédito subiu 0,6% no trimestre, com alta da despesa de perda esperada (+1,2%), puxado pelo maior volume de crédito no varejo. As despesas operacionais subiram 4,0%, com efeito sazonal do reajuste salarial que ocorre no mês de setembro. Assim, o Índice de Eficiência (quanto menor, melhor) permaneceu em baixo patamar (39,5%).

A carteira de crédito ampliada do Itaú cresceu 6,4% em 12 meses, atingindo R\$ 1,402 tri. Excluindo o efeito cambial sobre a carteira da América Latina e de grandes empresas, a alta foi de 7,5%. A expansão foi puxada pelo crédito destinado às empresas (+8,6%), liderado por grandes empresas (+9,4%), com alta no segmento de faturamento anual entre R\$ 500 mi e R\$ 4 bi. A carteira de MPMEs seguiu em expansão (+7,5%), com forte crescimento da linha de programas governamentais (+110,5%). No caso da carteira PF (+6,5%), o crescimento foi liderado pelo crédito imobiliário (+15,2%) e, em menor grau, pelo cartão de crédito (+6,7%). Por outro lado, a carteira de crédito consignado recuou 3,1%, em função dos problemas enfrentados por todo mercado na operação com pensionistas do INSS (-6,5%).

A inadimplência total (acima de 90 dias) ficou estável em 1,9% da carteira no 3T25 (indicador considera a carteira de TVMs), com estabilidade no indicador tanto na carteira PF (3,6%) como PJ (0,7%). Por outro lado, os atrasos (entre 15 e 90 dias) subiram 0,3 pp, para 2,0% da carteira total, puxado pelas grandes empresas (+0,9 pp, para 1,0%), diante de um cliente específico do atacado, segundo a instituição. O banco apontou que os valores já haviam sido provisionados e já estavam na carteira de Estágio 3, mas agora, com o atraso de fato do contrato, o indicador foi impactado.

Por fim, o Itaú manteve praticamente todo o *guidance* para 2025, apenas ajustando para cima o intervalo esperado para a margem com o mercado para R\$ 3,0 bi e R\$ 3,5 bi (ante R\$ 1,0 bi e R\$ 3,0 bi), em função do desempenho positivo recente.

Quadro 11: Resultado 3T25 – Itaú Unibanco

Itaú Unibanco - R\$ Mi	3T24	2T25	3T25	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	3.008.534	2.898.050	2.996.463	3,4%	-0,4%
TVM	1.041.759	1.172.326	1.193.307	1,8%	14,5%
Depósitos	1.020.490	1.019.760	1.039.562	1,9%	1,9%
Patrimônio Líquido	201.102	209.552	215.766	3,0%	7,3%
DRE					
Margem Financeira Gerencial	28.512	31.177	31.382	0,7%	10,1%
Margem com Clientes	27.455	30.320	30.479	0,5%	11,0%
Margem com o Mercado	1.056	858	902	5,2%	-14,6%
Despesa de Perda Esperada	-8.928	-9.664	-9.780	1,2%	9,5%
Receitas de prestação de serviços	11.228	11.343	11.755	3,6%	4,7%
Operações com Seg., Prev. e Cap.	2.526	2.816	2.977	5,7%	17,8%
Despesas não Decorrentes de Juros	-15.945	-16.492	-17.150	4,0%	7,6%
IR/CSLL	-4.489	-5.151	-4.940	-4,1%	10,0%
Lucro/Prejuízo do período ¹	10.675	11.508	11.876	3,2%	11,3%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE²					
ROAE	22,7%	23,3%	23,3%	0,0 pp	0,6 pp
ROAA	1,4%	1,6%	1,6%	0,0 pp	0,2 pp
Índice de eficiência	40,2%	38,8%	39,5%	0,7 pp	-0,7 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	1.318.082	1.389.076	1.402.039	0,9%	6,4%
PF	428.728	451.905	456.394	1,0%	6,5%
PJ	659.164	706.777	716.136	1,3%	8,6%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	-47.170	-52.749	-52.878	0,2%	12,1%
Despesa PDD/Carteira de crédito	0,7%	0,7%	0,7%	0,0 pp	0,0 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito	3,7%	3,8%	3,8%	0,0 pp	0,1 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias) ⁴	-	1,9%	1,9%	0,0 pp	-
Índice de Basileia	17,2%	16,5%	16,4%	-0,1 pp	-0,8 pp
Provisão Estágio 3 / Carteira Estágio 3	-	55,8%	55,9%	0,1 pp	-

Fonte: Itaú RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Lucro Líquido Ajustado Gerencial ²Anualizado ³Inclui outras operações com risco de crédito (debêntures, CRI, *commercial papers*, etc.) e unidades da América Latina. ⁴Indicador com TVMs divulgados apenas a partir do 4T24.

Banco Central – Regulação

CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central (BCB) e o Conselho Monetário Nacional (CMN) publicaram normas alterando a nova metodologia de apuração de capital mínimo das instituições financeiras (IFs) e o encerramento compulsório das chamadas “contas-bolsão” irregulares. O objetivo, segundo as notas publicadas pelo BCB, é de preservar a solidez do Sistema Financeiro Nacional (SFN). Para acessar as notas do BCB clique aqui: [capital mínimo](#), [“contas-bolsão”](#).

Capital Mínimo (Resolução Conjunta nº 14 e Resolução BCB nº 517)

Com relação à nova metodologia de capital, a principal mudança que a nova regulação traz é definir as exigências mínimas (capital social e patrimônio líquido) para cada uma das IFs a depender das atividades exercidas por cada uma delas, deixando de depender do tipo específico de instituição.

Para os bancos, o requerimento mínimo de capital para início das operações subiu do intervalo de R\$ 7 milhões e 77 milhões para entre R\$ 56 mi e 96 mi, enquanto para as Instituições de Pagamento o novo intervalo mínimo é de R\$ 9,2 mi e 32,8 mi (ante R\$ 1 mi e R\$ 9 mi). A metodologia também prevê um percentual do capital mínimo para cobrir o custo inicial da operação, aplicado a todas as instituições, além de uma parcela para suprir os custos associados aos serviços intensivos em infraestrutura tecnológica, neste caso, referindo-se apenas as instituições que praticam serviços que requerem uso intensivo de tecnologia.

Outra exigência trazida pela regulação é o requerimento de R\$ 30 milhões de capital para as instituições que utilizarem a expressão “banco” em sua nomenclatura, em português ou outro idioma.

As Resoluções passam a ter vigência imediata às novas IFs, enquanto para as instituições já em operação, haverá um cronograma de transição, conforme abaixo:

- Até 30 de junho de 2026: valem as regras anteriores para o capital social integralizado e o patrimônio líquido mínimos exigidos.
- De 1º de julho de 2026 a 31 de dezembro de 2027: o valor deve ser acrescido gradualmente da diferença positiva entre o valor exigido pelas novas regras e o anterior, nos seguintes percentuais: i) 25% até 31 de dezembro de 2026; ii) 50% até 30 de junho de 2027; e iii) 75% até 31 de dezembro de 2027.

Para acessar as normas na íntegra: [Resolução Conjunta nº 14](#), [Resolução BCB nº 517](#).

“Contas-bolsão” (Resolução CMN nº 5.261 e Resolução BCB nº 518)

O BCB também alterou as regras sobre o encerramento de contas de depósitos e de contas de pagamento, incluindo novos *triggers* para o encerramento compulsório pelas instituições autorizadas. O objetivo das “contas-bolsão” é processar transações de câmbio e de *marketplace*, por exemplo, mas que tem sido identificados usos indevidos em seu uso. Agora, tais contas deverão ser fechadas quando sua utilização tiver o objetivo de realizar atividades que se caracterizem como serviços financeiros ou de pagamentos, sem respaldo legal e em desacordo com as normas vigentes. Em resumo, as medidas buscam acabar com as “contas-bolsão” quando o cliente titular da conta faz uso da mesma para realizar pagamentos e compensações em nome de terceiros, substituindo (ou ocultando) as obrigações legais dos terceiros (pessoas ou empresas). A nova regra entra em vigor a partir do dia 1º de dezembro de 2025.

Para acessar as normas na íntegra: [Resolução CMN nº 5.261](#), [Resolução BCB nº 518](#).



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	07/11/25	31/10/25	10/10/25	Viés	07/11/25	31/10/25	10/10/25	Viés
IPCA (%)	4,55	4,55	4,72	↔	4,20	4,20	4,28	↔
PIB (% de crescimento)	2,16	2,16	2,16	↔	1,78	1,78	1,80	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	15,00	↔	12,25	12,25	12,25	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,41	5,41	5,45	↔	5,50	5,50	5,50	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	07/11/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,33	-0,79%	-0,79%	-13,65%	-6,05%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	145,00	4,16%	4,16%	-32,56%	-6,95%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,90	-0,03%	-0,03%	20,96%	32,73%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,04	-0,04%	-0,04%	-8,85%	9,29%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,36	0,19%	0,19%	-14,33%	3,23%
Índice Ibovespa (em pontos)	153.913,80	2,92%	2,92%	27,96%	18,09%
IFNC (setor financeiro)	16.740,87	3,01%	3,01%	41,52%	27,51%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,00	0,00%	0,00%	-11,11%	-15,79%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,56	-0,51%	-0,51%	-16,18%	-15,34%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,09	0,33%	0,33%	-9,75%	-5,43%
Dollar Index	99,54	-0,26%	-0,26%	-7,94%	-4,75%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.718,14	-1,78%	-1,78%	13,73%	12,47%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	150,74	0,61%	0,61%	18,10%	14,79%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	117,54	1,90%	1,90%	-2,13%	-8,40%
Índice Euro Stoxx 50	5.566,53	-1,69%	-1,69%	14,32%	14,73%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	233,24	-0,07%	-0,07%	60,47%	61,14%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	63,70	-2,11%	-2,11%	-14,37%	-15,77%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira